

# ampulheta

CADERNETA ENSAÍSTICA EXPERIMENTAL

N. 02  
AGO. 2026

FIOS, MADEIRA, CUIDADO E VIDA DIGITAL

MAURÍCIO PINHEIRO



# Começar de novo exige outro começo

A segunda ampulheta começa pelo começo: nenhuma das onze atividades desta edição é continuação ou reaparecimento da primeira. Todas entram no calendário a partir de agosto de 2026 e pertencem ao campo de Tecnologias e Artes ou acontecem no espaço do ETA.

Fio, madeira, palavra, afeto e tela pedem formas diferentes de atenção. Por isso, cada ensaio assume um gênero de uso — amostra, protocolo, manual, caderno, crônica ou guia — e se mantém próximo das decisões concretas que poderão aparecer nos encontros.

Os textos foram escritos antes das atividades. Eles preparam perguntas e procedimentos; não simulam falas, participantes ou resultados. As imagens são conceituais e não documentam pessoas ou oficinas.

Esta edição também responde à primeira: reduz volume, diferencia ritmos, aproxima fonte e afirmação e deixa mais espaço para que a leitura continue fora da página.

*Maurício Pinheiro · Piracicaba, 1º de agosto de 2026*

ANTES — ESTREITAMENTO — DEPOIS

*Entre uma coisa e outra, o tempo deixa  
uma marca.*

# Sumário

| ENSAIO                           | PÁGINA |
|----------------------------------|--------|
| 01 Uma laçada segura a próxima   | 8      |
| 02 A grade aceita desvios        | 15     |
| 03 O brinquedo começa no excesso | 21     |
| 04 O avesso ensina primeiro      | 28     |
| 05 Uma peça, muitas decisões     | 35     |

# Sumário *continuação*

| ENSAIO                                      | PÁGINA    |
|---------------------------------------------|-----------|
| <b>06</b> Sentar sobre o que voltou         | <b>42</b> |
| <b>07</b> Antes da música, a madeira escuta | <b>49</b> |
| <b>08</b> A pomba cabe no golpe             | <b>56</b> |
| <b>09</b> Ler em círculo muda o centro      | <b>63</b> |
| <b>10</b> Afeto também deixa matéria        | <b>70</b> |
| <b>11</b> Acompanhamento não é vigilância   | <b>77</b> |

# Agenda

---

- |           |                                                                                                                                         |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>8</b>  | <b>Tramas e Texturas: introdução ao crochê</b><br>14 ago. 2026, 18h30                                                                   |
| <b>15</b> | <b>Tramas e Texturas: introdução à Talagarça</b><br>15 ago. 2026, 10h                                                                   |
| <b>21</b> | <b>Tramas e Texturas: Confecção de Brinquedos com Pompons</b><br>16 ago. 2026, 14h                                                      |
| <b>28</b> | <b>Corte e Costura: Do básico ao acabamento</b><br>ago. 2026: 8, 09h/14h; 15, 09h/14h; 22, 09h/14h; 29, 09h/14h · set. 2026: 5, 09h/14h |
| <b>35</b> | <b>Costurando macacão de alfaiataria</b><br>18, 19, 25 e 26 ago. 2026, 14h · 1 e 2 set. 2026, 14h                                       |
-

## ATIVIDADES DE ORIGEM

# Agenda *continuação*

---

- |           |                                                                                                  |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>42</b> | <b>Banquinho de pesca</b><br>12, 19 e 26 ago. 2026, 19h · 2 e 9 set. 2026, 19h                   |
| <b>49</b> | <b>A Rabeca brasileira: Introdução à construção e a história</b><br>ago. 2026: 29, 10h; 30, 14h  |
| <b>56</b> | <b>Entalhe do Divino: Saberes e Tradições de Piracicaba</b><br>3 e 10 set. 2026, 19h             |
| <b>63</b> | <b>Círculo de Leitura - Mulheres que Correm com os Lobos</b><br>6, 13, 20 e 27 ago. 2026, 19h    |
| <b>70</b> | <b>Entre Afetos e Criações</b><br>15, 22 e 29 ago. 2026, 14h · 5 set. 2026, 14h                  |
| <b>77</b> | <b>Como acompanhar adolescentes no mundo digital</b><br>25 ago. 2026, 19h30 · 1 set. 2026, 19h30 |
-



---

# Uma laçada segura a próxima

*Um caderno de amostras sobre tensão, repetição e o começo do crochê.*

## **Amostra zero — antes do ponto**

Há um pequeno intervalo entre segurar a agulha e conseguir fazer com que o fio permaneça onde foi colocado. Nesse intervalo, o crochê ainda não é tecido: é mão tentando dosar uma força que ninguém vê. Se o fio corre livre demais, a estrutura perde contorno; se é puxado com excesso, a próxima laçada mal encontra passagem. A oficina de introdução ao crochê, marcada para 14 de agosto no Espaço de Tecnologias e Artes, começa justamente nessa regulação. Materiais e pontos iniciais serão apresentados para que apareçam as primeiras estruturas têxteis [1]. A promessa é modesta e, por isso, precisa: começar.

## Amostra um — corrente

Uma corrente de crochê não esconde sua regra. Cada elo depende do anterior e prepara o seguinte. O ponto que parece unidade é também passagem. Convém produzir duas tiras curtas: uma com a mão deliberadamente tensa; outra, com o fio quase solto. Colocadas lado a lado, elas registram mais do que acerto e erro. Mostram que aprender uma técnica é formar uma memória muscular capaz de repetir sem endurecer. A régua mede centímetros, mas não mede a confiança que surge quando a agulha deixa de ser um objeto estranho.

O acervo do Metropolitan Museum conserva uma amostra alemã de crochê do século XIX [2]. Isolada da peça a que talvez pertencesse, ela permanece como fragmento de aprendizagem, repertório ou demonstração. Uma amostra aceita existir sem virar roupa, toalha ou adorno. Seu valor está naquilo que torna comparável: densidade, desenho, fio, escala, borda. Para uma

primeira oficina, essa condição é libertadora. A pequena superfície não precisa justificar seu uso. Pode ser um documento do momento em que a mão entendeu alguma coisa.

## **Amostra dois — tensão**

Um teste simples: fazer dez correntes, parar, apoiar o trabalho e recomeçar depois de alguns minutos. A emenda temporal quase sempre aparece. O corpo retorna com outra pressa; o fio passa por outro ângulo; a sequência se abre ou se fecha. Em vez de desfazer imediatamente, vale marcar a mudança com um fio contrastante. O defeito torna legível uma variável que a fluência costuma apagar. A tensão não pertence apenas aos dedos. Vem da posição do braço, da cadeira, da conversa, do receio de atrasar o grupo e da ideia de que todas as amostras deveriam terminar parecidas.

Uma boa iniciação permite comparar sem estabelecer um único corpo correto. Há maneiras variadas de conduzir o fio, apoiar a agulha e ampliar o gesto. Pessoas canhotas podem

precisar ver o movimento espelhado; mãos com menor mobilidade podem trabalhar com cabos mais espessos, pausas ou outra escala de fio. A transmissão do artesanato depende das práticas e habilidades que permitem continuar produzindo objetos, e não somente do objeto terminado [3]. Preservar a técnica, nesse sentido, inclui encontrar condições para que mais corpos consigam praticá-la.

## **Amostra três — erro útil**

O primeiro ponto perdido cria um buraco. O segundo, colocado no lugar errado, aumenta a borda. O terceiro talvez corrija o desenho por acidente. Há três respostas possíveis: desfazer; incorporar; guardar como lembrete. Nenhuma serve para todos os momentos. Desfazer ensina a localizar a laçada e recuperar o fio sem punição. Incorporar revela que certas irregularidades formam ritmo. Guardar interrompe a ansiedade de transformar toda aprendizagem em produto apresentável.

O caderno de amostras pode ter etiquetas muito curtas: material, tamanho da agulha, ponto tentado, dificuldade percebida e uma frase sobre o que fazer na próxima vez. “Afrouxar a mão” ainda é abstrato. “Apoiar o fio no indicador sem prendê-lo contra a palma” oferece uma ação testável. A anotação aproxima técnica e linguagem. Quando outra pessoa lê, pode experimentar a mesma instrução e contestá-la. O caderno deixa de ser diário íntimo e se torna uma conversa portátil.

## **Amostra quatro — borda aberta**

No fim de três horas, haverá amostras de tamanhos, tensões e intenções diferentes. Algumas talvez virem pequenos objetos; outras continuarão como começo. A oficina não precisa produzir uniformidade para demonstrar aprendizagem. Seu resultado mais fértil pode ser uma pergunta material que cada participante leva consigo: que força mantém esta estrutura firme sem impedir a próxima passagem?

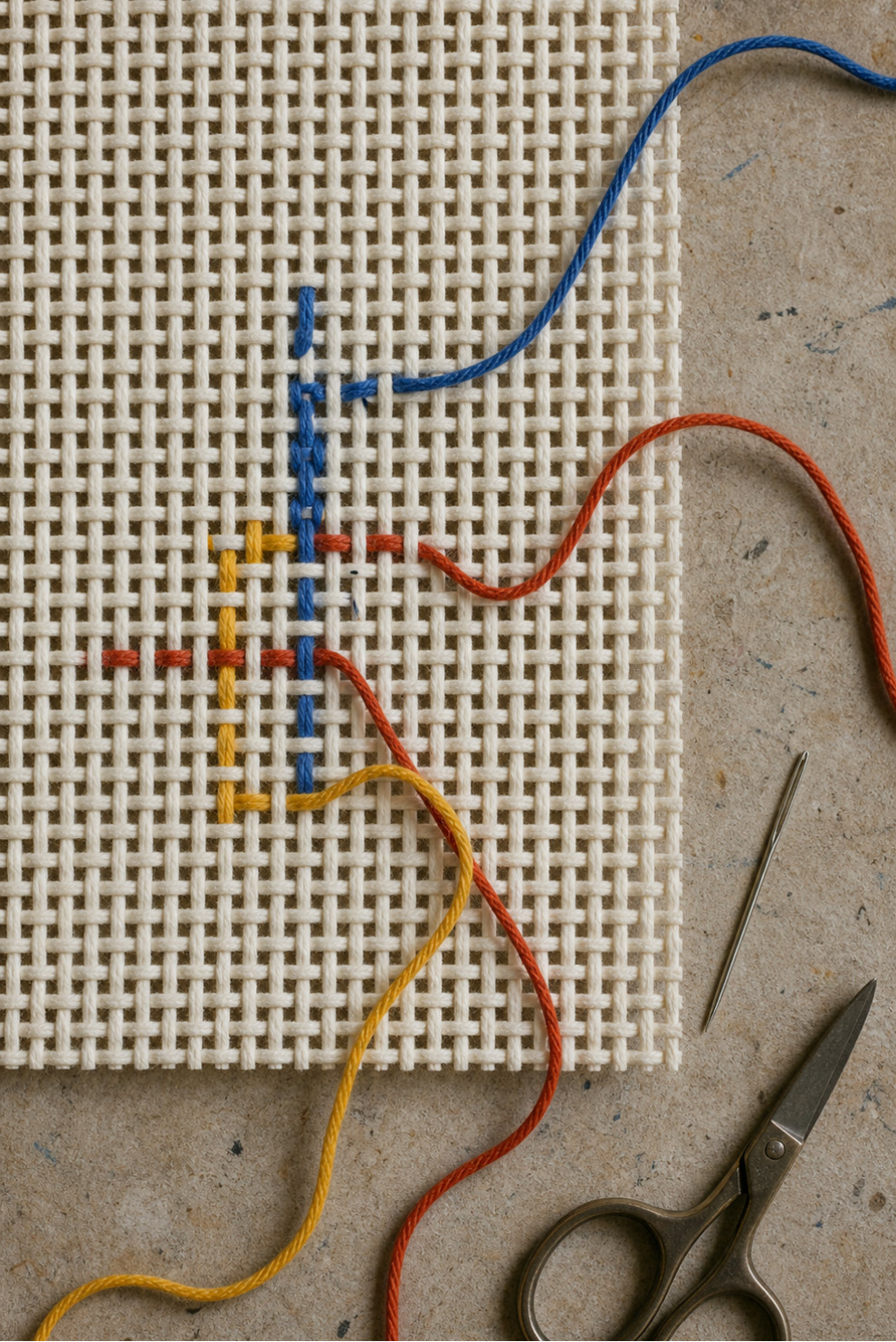
Uma laçada segura a próxima porque permanece suficientemente estável e suficientemente aberta. Essa dupla condição ultrapassa o crochê sem precisar transformá-lo em metáfora grandiosa. Ela está na própria amostra, disponível ao toque. Basta passar o dedo sobre a corrente: cada ponto guarda o esforço anterior e deixa uma pequena abertura para o trabalho continuar.

---

## **Tramas e Texturas: introdução ao crochê**

**QUANDO:** 14 ago. 2026, 18h30

**COM:** Daniela Bontempi, educadora em tecnologias e artes



# A grade aceita desvios

*Talagarça como coordenada, margem de erro e desenho construído por ocupação.*

## Coordenada 1: a tela

A talagarça oferece uma superfície já dividida. Antes do primeiro fio, existe uma rede de quadrados que sugere onde entrar, sair, contar e repetir. Na atividade de 15 de agosto, essa trama aberta orientará a construção dos pontos e a exploração de cores, padrões e texturas [1]. O convite parece simples: preencher espaços. Logo aparece a pergunta que toda grade carrega — obedecer à coordenada ou usá-la para produzir desvio?

Desenhe no papel quadriculado uma faixa de seis quadrados azuis, três amarelos e dois cinza. Transfira para a tela. No papel, cada célula é plana e equivalente. Na talagarça,

o fio tem espessura, torção, brilho e resistência. Dois pontos que ocupam a mesma quantidade de quadrados podem pesar de modos distintos. A matéria recusa a neutralidade do diagrama.

## Coordenada 2: a contagem

Contar é uma tecnologia de orientação. “Quatro para a direita, dois para baixo” permite que uma forma viaje de uma pessoa a outra sem imagem pronta. A receita também produz seus acidentes. Uma interrupção desloca a sequência; uma casa pulada muda o eixo; o verso acumula caminhos que a frente não revela. Convém não corrigir o primeiro desvio. Marque-o. Continue por três linhas e observe que consequências ele impõe ao desenho.

O erro de contagem pode criar uma borda irregular, uma cor fora do lugar ou uma pequena torção. Há casos em que compromete a estrutura e precisa ser refeito. Em outros, introduz uma diferença capaz de reorganizar o conjunto. O julgamento nasce do contato com a peça, não de um elogio automático ao erro. Experimentar inclui aprender quando sustentar o acidente e quando voltar algumas casas.

## Coordenada 3: frente e verso

Vire a tela a cada dez minutos. A frente mostra áreas preenchidas; o verso registra deslocamentos, nós e economias. Se o fio atravessa uma longa distância por trás, gasta material e pode prender em uso futuro. Se cada intervalo é arrematado, o acabamento fica mais estável e o trabalho mais lento. O verso apresenta decisões que o padrão final tende a esconder.

A UNESCO descreve o artesanato tradicional a partir das habilidades e conhecimentos implicados na produção, destacando a transmissão dessas práticas [2]. Uma peça vista somente pela face pronta reduz o campo da aprendizagem. A talagarça aberta oferece outra possibilidade: olhar através. O suporte torna visível a relação entre percurso e superfície. Quem ensina pode apontar não apenas “onde o ponto ficou”, mas “como o fio chegou até lá”.

## Coordenada 4: repetição

Escolha um módulo mínimo — uma cruz, uma diagonal, um quadrado incompleto — e repita quatro vezes. Na quinta, troque apenas uma cor. Na sexta, altere a escala. O exercício testa o limite entre padrão e variação. Repetição não significa cópia perfeita; é uma negociação contínua entre regra, fadiga, material disponível e vontade de interferir.

Práticas transmitidas entre gerações permanecem vivas quando comunidades e grupos as recriam em relação ao ambiente e à própria história [3]. Essa definição do patrimônio imaterial ajuda a retirar a técnica de uma vitrine congelada. A talagarça da oficina não precisa reproduzir um repertório cultural específico para participar dessa lógica. Ela evidencia, em pequena escala, que toda continuidade contém escolhas de atualização.

## Coordenada 5: margem

Deixe uma área sem preencher. A parte vazia não é trabalho incompleto por princípio. Ela pode funcionar como margem, respiração ou prova da tela

original. Compare com uma segunda amostra inteiramente coberta. Qual delas permite entender melhor a construção? Qual concentra mais a cor? Qual pede ser tocada?

Ao terminar, fotografe frente e verso sob a mesma luz e anote o módulo usado. A documentação não transforma a amostra em modelo obrigatório. Ela conserva as condições de uma experiência: esta grade, estes fios, esta sequência, este desvio. Outra pessoa poderá tentar de novo e obter uma superfície diferente. A grade continuará oferecendo coordenadas; o desenho continuará decidindo quanto deve a elas.

## Tramas e Texturas: introdução à Talagarça

**QUANDO:** 15 ago. 2026, 10h

**COM:** Daniela Bontempi, educadora em tecnologias e artes.



---

# O brinquedo começa no excesso

*Um protocolo lúdico para transformar fios excedentes em volumes com personalidade.*

## Protocolo para uma criatura ainda sem nome

Separe restos de fio por comprimento, não por cor. Os pedaços muito curtos poderão virar enchimento, pelos ou amarrações. Os médios formarão pompons pequenos. Os longos servirão para enrolar, costurar ou criar membros. A oficina de 16 de agosto ensinará a confeccionar pompons e transformá-los em brinquedos e objetos, explorando volume, maciez e forma [1]. O protocolo parte da mesma operação e preserva uma zona de indeterminação: ninguém precisa decidir de antemão qual animal surgirá.

Enrole o fio até que o volume pareça exagerado. Acrescente mais dez voltas. A sensação de excesso é parte do cálculo, porque o corte abrirá o feixe e reduzirá sua densidade. Amarre o centro com firmeza. Antes de cortar, confira se os dedos estão fora da trajetória da tesoura e se a ferramenta corresponde à idade e à autonomia de quem participa. Um procedimento lúdico continua sendo um procedimento de oficina.

Abra o primeiro pompom e não apare suas pontas ainda. Coloque-o sobre a mesa. Gire. A irregularidade oferece pistas: uma parte comprida pode ser cauda; duas saliências podem virar orelhas; a face mais achatada pode sustentar o corpo. O brinquedo começa quando alguém atribui possibilidade ao volume, não quando olhos de plástico confirmam uma espécie.

## Regra da mesa comum

Todos os materiais pequenos devem permanecer em recipientes rasos e visíveis. Botões, miçangas e peças rígidas pedem atenção especial quando houver crianças pequenas; em certos grupos, linha bordada ou recortes têxteis serão alternativas mais seguras. A acessibilidade também muda o repertório: peças maiores facilitam a apreensão, bases antiderrapantes estabilizam o enrolamento e gabaritos de papelão podem substituir movimentos difíceis.

Cada pessoa escolhe apenas metade dos componentes de sua criatura. A outra metade vem de uma troca. A regra introduz surpresa sem retirar autoria. Quem recebe pode recusar um material por segurança, textura, significado ou preferência. Troca forçada ensina submissão; troca negociada ensina que fazer junto inclui dizer “isso não cabe no meu brinquedo”.

## Regra do resíduo

O Ministério do Meio Ambiente situa a educação para resíduos sólidos no campo de escolhas, responsabilidades e redução de impactos [2]. Reaproveitar fios numa oficina não resolve a cadeia têxtil nem transforma qualquer sobra em material desejável. Faz algo menor e concreto: obriga o grupo a olhar quantidade, origem, estado e destino. Fios sujos, mofados ou de procedência insegura devem ser descartados adequadamente. Reutilização começa pela avaliação, não pelo romantismo.

Mantenha um pote para aparas e outro para materiais que retornarão ao estoque. No fim, pese ou compare visualmente os dois. A medida pode produzir perguntas para o encontro seguinte: que técnica gerou mais perda? As pontas podem preencher outra peça? Vale diminuir o diâmetro dos gabaritos? O resíduo entra no processo como dado de projeto.

## **Regra da personalidade provisória**

Antes de colar ou costurar qualquer detalhe, dê três posições diferentes aos mesmos componentes. Olhos no centro produzem uma leitura; na borda, outra; nenhum olho pode ser a escolha mais interessante. Fotografe as três versões apenas para comparação. Depois, fixe uma ou deixe a peça mutável com amarrações.

O artesanato tradicional se apoia na continuidade de habilidades, conhecimentos e condições de transmissão [3]. Uma oficina curta participa desse campo quando torna o procedimento compartilhável. Por isso, cada criatura deve sair acompanhada de uma instrução escrita ou desenhada por quem a fez: número aproximado de voltas, modo de amarração e um acidente que alterou o resultado. A ficha não precisa nomear a personagem.

## **Condição de encerramento**

O protocolo termina quando o brinquedo suporta ser manuseado, quando as peças pequenas estão seguras para o uso previsto e quando a

mesa voltou a uma condição legível. A criatura pode continuar sem nome. Pode também ser desmontada, corrigida ou oferecida a outra pessoa.

Se houver uma fotografia final, enquadre mãos, materiais ou o objeto isolado conforme os consentimentos do grupo. Evite organizar todos os pompons numa fileira de vencedores. O interesse está nas decisões divergentes que partiram de uma técnica comum. O excesso inicial terá virado volume; o volume, hipótese; a hipótese, companhia por um tempo ainda impossível de medir.

---

## **Tramas e Texturas: Confecção de Brinquedos com Pompons**

**QUANDO:** 16 ago. 2026, 14h

**COM:** Daniela Bontempi, educadora em tecnologias e artes



# O avesso ensina primeiro

*Cinco encontros de costura lidos pelo lado em que linha, margem e correção aparecem.*

## Antes de ligar a máquina

O curso “Corte e Costura: do básico ao acabamento” acontecerá em cinco sábados, no Centro Social Alessandra Neves, em Limeira. As turmas desenvolverão o molde de uma saia, passarão pelo alinhavo e pela costura e chegarão a uma peça pronta para uso [1]. A sequência tem um mérito pedagógico: não começa pela vitrine. Começa pela construção.

Este manual comentado acompanha o processo pelo avesso, lado em que decisões ficam expostas. Ele não substitui a orientação do Ateliê Milo nem fixa uma técnica universal. Funciona como caderno de perguntas para quem aprende: que informação cada etapa deixa na matéria?

## 1. Medir é escolher folga

Uma medida corporal não vira molde sozinha. É preciso decidir folga de movimento, posição da cintura, comprimento e comportamento do tecido. Registre a medida e a decisão separadamente. “Cintura: 82 cm” é observação; “acrescentar 2 cm de folga” é projeto. Misturar as duas torna a correção posterior confusa.

Use uma roupa confortável como referência de sensação, sem copiá-la cegamente. Sente, caminhe e incline o corpo com a fita posicionada. A saia existirá em movimento. O molde precisa antecipar ações, não apenas contornar um corpo parado.

## 2. O papel aceita revisão barata

Desenhe linhas finas primeiro. Nomeie frente, costas, fio do tecido, dobra e margens. Marque a versão e a data. Um molde sem essas informações parece econômico até ser aberto novamente. Faça alterações no papel antes de cortar o tecido sempre que possível; cada correção muda menos matéria.

O conhecimento artesanal é transmitido por habilidades e práticas, e essa transmissão importa tanto quanto o objeto final [2]. Nomear o molde participa desse cuidado. Permite que outra pessoa compreenda o raciocínio, refaça uma linha e explique por que discorda.

### **3. Cortar encerra algumas possibilidades**

Verifique o sentido do fio, alinhe a dobra e prenda o molde sem deformar a superfície. Antes da tesoura, percorra toda a borda com o dedo. Há margem de costura? As partes espelhadas estão corretas? O tecido tem estampa direcional? Dez segundos de inspeção podem evitar uma peça duplicada para o mesmo lado.

Guarde um retalho identificado. Ele servirá para testar ponto, tensão, ferro e acabamento. O fragmento deixa de ser sobra anônima e vira laboratório da peça.

## **4. Alinhavar é pensar em linha removível**

O alinhavo sustenta uma hipótese. Pode aproximar partes sem fingir permanência, permitir prova e revelar torções. Use cor contrastante e pontos visíveis. A linha provisória tem o direito de aparecer porque sua função é facilitar a leitura.

Na prova, procure tensão, queda e conforto antes de procurar beleza. Marque alterações dos dois lados e compare. Corpos não são perfeitamente simétricos; moldes podem registrar diferenças ou trabalhar com acordos de equilíbrio. A escolha deve ser consciente.

## **5. Costurar pede ritmo**

Teste a máquina no retalho. Observe se o ponto repuxa, solta ou atravessa adequadamente as camadas. Comece devagar, mantenha os dedos fora da zona da agulha e pare para reposicionar em vez de puxar o tecido. A velocidade da máquina não define competência.

Cada costura cria uma margem no avesso. Abrir, rebater, aparar ou envolver essa margem muda volume, resistência e manutenção. Fotografe duas opções

no retalho e compare depois de passar. Acabamento deixa de ser etapa decorativa; determina como a peça suportará uso e lavagem.

## **6. Desmanchar também pertence ao curso**

O descosturador é ferramenta de precisão. Apoie a peça, ilumine bem e rompa pontos alternados sem ferir a trama. Desmanchar com pressa costuma transformar uma correção pequena em rasgo. Registre a causa: linha errada, montagem invertida, medida, tensão ou decisão estética. O registro evita culpar genericamente a falta de habilidade.

Práticas culturais permanecem vivas quando são recriadas por pessoas e grupos em relação às próprias circunstâncias [3]. Na costura, isso aparece em adaptações de corpo, tecido disponível, equipamento e uso. A saia do curso compartilhará uma base, mas não precisa apagar diferenças para provar que a técnica foi aprendida.

## 7. O acabamento volta ao começo

Antes da última bainha, vista novamente. Confira comprimento em movimento, assentamento da cintura e acesso a fechos. Corte fios soltos apenas depois de verificar a costura. Passe segundo a tolerância do material. Guarde junto ao molde uma pequena ficha: tecido, agulha, ponto, alterações e cuidados.

Ao final dos cinco encontros, a frente da saia poderá parecer tranquila. O avesso conservará a história do aprendizado: marcas retiradas, margens, pontos refeitos e soluções escolhidas. É ali que o curso permanece legível. A peça pronta não apaga o processo; veste-o.

---

### Corte e Costura: Do básico ao acabamento

**QUANDO:** ago. 2026: 8, 09h/14h; 15, 09h/14h; 22, 09h/14h; 29, 09h/14h · set. 2026: 5, 09h/14h

**COM:** Ateliê Milo



# Uma peça, muitas decisões

*O macacão de alfaiataria como caderno de prova, ajuste e negociação com o corpo.*

## **Prova 1 — a peça única**

O macacão parece resolver o vestir numa só escolha. Parte de cima e parte de baixo chegam juntas; a silhueta se fecha num único desenho. Na oficina marcada entre 18 de agosto e 2 de setembro, modelagem, corte e acabamento conduzirão a um macacão de alfaiataria [1]. A peça única, porém, multiplica decisões. Qualquer ajuste no tronco conversa com gancho, cintura, quadril e comprimento. Puxar uma linha pode alterar o conjunto inteiro.

Este caderno de prova não oferece uma tabela de medidas. Ele acompanha perguntas que o tecido fará diante do corpo. A prova é o lugar dessa

conversa, e sua função não é submeter a pessoa a uma forma ideal. É localizar onde o projeto precisa mudar para permitir movimento, intenção e uso.

## **Prova 2 — o manequim não respira**

No papel ou no manequim, o macacão pode cair com uma elegância imóvel. A pessoa levanta o braço, senta, alcança o chão, gira o tronco e usa o banheiro. A modelagem precisa admitir esses verbos. Durante a prova, execute movimentos cotidianos lentamente. Marque onde o tecido repuxa, forma excesso ou restringe.

Uma linha diagonal costuma indicar tensão; uma dobra que aponta para determinado ponto pode revelar falta ou sobra de volume. Esses sinais não formam uma gramática infalível. Dependem do material, da direção do fio e do corte. Fotografe frente, costas e perfil somente com consentimento, ou registre por desenho. Compare as imagens depois que a peça sai do corpo; o espelho durante a prova mistura postura, expectativa e pressa.

## **Prova 3 — folga não é sobra sem função**

A alfaiataria trabalha com estrutura, mas estrutura não significa rigidez. Folgas de vestibilidade permitem respirar e mover; folgas de estilo constroem a forma desejada. Anote as duas separadamente. Se toda sobra for retirada para “limpar” a silhueta, a peça pode parecer precisa em pé e falhar na primeira cadeira.

Alinhave ajustes antes de cortar margens. Uma prega provisória pode ser redistribuída; tecido aparado não retorna. A reversibilidade protege o material e dá tempo para que a pessoa experimente a mudança. O processo se torna uma sequência de hipóteses testáveis, não uma marcha inevitável até o acabamento.

## **Prova 4 — a entrada**

Um macacão precisa permitir que o corpo entre e saia. Fechos, botões, decotes e transpasse pertencem à arquitetura da peça. Teste o alcance das

mãos e a autonomia de quem usará. Um fecho tecnicamente discreto pode ser difícil de acionar; uma abertura maior pode pedir outra sustentação.

Essa atenção amplia a ideia de acabamento. Bordas confortáveis, comandos reconhecíveis e manutenção possível são qualidades visuais e funcionais. Uma roupa só é sofisticada quando sua relação com o corpo também foi projetada.

## **Prova 5 — diferenças reais**

Tabelas padronizam medidas para tornar o trabalho compartilhável. Corpos reais distribuem volume, altura e mobilidade de maneiras que a grade não esgota. O artesanato permanece vivo pela transmissão de conhecimentos e pela capacidade de praticá-los em circunstâncias concretas [2]. Ajustar não é um desvio menor da modelagem. É uma das competências centrais do fazer.

Registre cada alteração no molde: quanto, onde e por quê. Evite escrever “corrigir corpo”. O corpo não é o arquivo defeituoso. Escreva “ampliar gancho

para sentar sem tração”, “reposicionar pence para acompanhar volume” ou “aumentar abertura para vestir com autonomia”. A linguagem organiza a responsabilidade do projeto.

## **Prova 6 — acabamento com memória**

Quando a forma estiver resolvida, escolha acabamento conforme espessura, resistência e manutenção. Teste entretela, ferro e costura no retalho. Observe o comportamento depois de resfriar; alguns materiais aparentam estabilidade sob calor e recuperam deformação mais tarde.

Práticas culturais transmitidas não permanecem idênticas: grupos as recriam em relação ao ambiente e à história [3]. O macacão de alfaiataria carrega convenções de corte, elegância e gênero que cada pessoa pode aceitar, deslocar ou combinar. Cor, amplitude, fechamento e modo de usar transformam a peça clássica sem apagar o conhecimento técnico que a sustenta.

## Prova final — sair da sala

A última prova deve incluir o que acontecerá depois: sentar por mais tempo, guardar objetos, atravessar calor, lavar, passar e reparar. Entregue ao futuro uma pequena reserva de linha, um retalho e as anotações do molde. A peça estará acabada, mas sua manutenção continuará.

Uma única roupa terá reunido centenas de decisões, muitas invisíveis do lado de fora. Essa invisibilidade não diminui o trabalho. Ela mostra que o ajuste bem resolvido não precisa anunciar a própria vitória. Basta que o corpo consiga seguir o dia sem negociar a cada passo com uma escolha esquecida na mesa de corte.

---

## Costurando macacão de alfaiataria

**QUANDO:** 18, 19, 25 e 26 ago. 2026, 14h · 1 e 2 set. 2026, 14h

**COM:** Malu Boscarior e Matheus Belloto



---

# Sentar sobre o que voltou

*Madeira reaproveitada, segurança e autonomia na construção de um banquinho de pesca.*

## Entrada da madeira

Antes de virar banco, a tábua já teve clima, carga, parafuso, tinta, umidade e descarte. A oficina “Banquinho de pesca”, de 12 de agosto a 9 de setembro, propõe construir um objeto funcional com madeira reciclada, abordando marcenaria básica, uso seguro de ferramentas e acabamento [1]. O reaproveitamento oferece matéria e impõe investigação. Nenhuma peça deveria entrar na bancada apenas porque parece madeira.

Faça uma triagem em área iluminada. Procure pregos, grampos, parafusos, rachaduras, empenamento, tinta descascada, cheiro incomum, óleo e sinais de praga. Use detector de metais quando disponível e

---

remova ferragens com a ferramenta adequada. Madeira com tratamento desconhecido, contaminação ou degradação importante pode não ser segura para corte, lixamento ou uso doméstico. Reaproveitar inclui recusar.

## Ficha de procedência mínima

Registre origem aproximada, dimensões, defeitos, revestimentos e decisão de uso. “Veio de um pallet” ainda deixa perguntas: qual carga transportou? Ficou exposto à chuva? Possui marca de tratamento? A ficha não precisa criar uma biografia romântica. Serve para orientar risco, corte e destino.

A educação para resíduos sólidos relaciona consumo, responsabilidade e redução de impactos [2]. Transformar uma tábua descartada num banco não apaga o gasto de energia, o pó ou as sobras produzidas. Permite medir uma operação local: quanto material foi recuperado, quanto precisou sair e quanto tempo de trabalho tornou o reuso possível.

## Projeto antes da serra

Defina altura, largura, apoio e carga esperada. Um banco de pesca pede transporte, estabilidade em diferentes pisos e resistência à umidade. Faça um desenho cotado e uma maquete simples em papelão. Sente na altura estimada usando um apoio estável já existente. O corpo pode corrigir o número antes que a madeira seja cortada.

Marque cada peça com nome e orientação. Planeje os cortes para preservar as áreas mais íntegras e concentrar defeitos fora das uniões. A cicatriz de um prego pode permanecer visível se não comprometer estrutura. Reaproveitamento não exige apagar toda vida anterior.

## Corte e furação

Organize uma zona limpa, prenda a peça e mantenha cabos fora do percurso. Proteção ocular e controle de pó são condições de trabalho, não adereços. Ferramentas elétricas exigem

---

demonstração, distância entre pessoas e interrupção completa antes de qualquer ajuste. Quem ainda não domina uma operação pode observar, treinar em retalho ou executar uma etapa manual equivalente.

Faça furo piloto quando a união pedir parafuso. Ele reduz a chance de rachadura e orienta o eixo. Teste encaixes a seco. Num objeto pequeno, poucos milímetros alteram esquadro e estabilidade. Meça diagonais quando a geometria permitir; compare, ajuste e só então fixe.

## O teste que importa

Coloque o banco sobre superfície plana. Pressione alternadamente os quatro cantos. Observe balanço, ruído e deformação. Aplique carga progressiva de maneira controlada antes de sentar. Se houver movimento inesperado, pare e investigue a união. Um acabamento bonito não compensa instabilidade.

O artesanato tradicional valoriza as habilidades e os conhecimentos de produção, e sua continuidade depende de transmissão e condições de prática [3]. Na marcenaria, segurança faz parte desse saber. Ensinar a reconhecer uma ferramenta inadequada ou uma peça comprometida tem tanto valor quanto ensinar a executar um encaixe.

## **Acabamento sem amnésia**

Arredonde quinas que tocarão mãos e pernas. Lixe seguindo progressão coerente e retire o pó entre etapas. Escolha acabamento compatível com o uso, a madeira e o ambiente; leia instruções, respeite ventilação e cura. Teste numa sobra porque a superfície reaproveitada pode reagir de modo irregular.

Deixe uma marca discreta de manutenção: material, acabamento aplicado e data. Quando o banco pedir reparo, essa informação ajudará a decidir o próximo

---

gesto. O objeto funcional não encerra a história da tábua. Ele cria um intervalo de uso sustentado por inspeção, projeto e cuidado.

No primeiro dia de pesca, oficina ou varanda, o banco carregará riscos antigos e decisões novas. Sentar sobre o que voltou exige confiança. Essa confiança não vem do discurso sustentável colado à peça. Vem do que foi examinado, removido, dimensionado, unido, testado e registrado antes que o peso chegasse.

---

## Banquinho de pesca

**QUANDO:** 12, 19 e 26 ago. 2026, 19h · 2 e 9 set. 2026, 19h

**COM:** Oswaldo Adílio Bráz Júnior, artesão



---

# Antes da música, a madeira escuta

*A rabeca brasileira aparece primeiro como corpo, memória de ofício e pergunta sonora.*

## Som de bancada

Toque com a unha uma lâmina de madeira apoiada em dois pontos. Mude a posição dos apoios e toque novamente. O som se altera antes que exista instrumento: duração, altura aproximada, ruído de superfície. A oficina de 29 e 30 de agosto apresentará aspectos históricos da rabeca brasileira e bases de sua construção artesanal, incluindo montagem, afinação e conservação [1]. As rabecas produzidas permanecerão com o projeto, condição que desloca a expectativa de posse para uma experiência compartilhada de fabricação.

Uma rabeca não é definida apenas pela silhueta que lembra outros instrumentos de arco. Seus modos de construção, afinação, repertório, nomenclatura e uso variam entre territórios e tradições. Convém começar pela escuta dessas diferenças. “Brasileira” não resolve a diversidade; abre um mapa.

## Som de arquivo

O inventário do Cavalo-Marinho realizado pelo IPHAN registra a rabeca entre práticas, pessoas e lugares, incluindo referências a construtores e músicos [2]. Lida fora do contexto, uma fotografia de instrumento oferece medidas aparentes e pouca relação. O inventário ajuda a situar o objeto em redes de aprendizagem, festa, trabalho e memória.

Patrimônio imaterial abrange práticas, expressões, conhecimentos e técnicas reconhecidos por comunidades, transmitidos e recriados ao longo do tempo [3]. A madeira importa, mas não

---

carrega a tradição sozinha. A rabeca depende de quem seleciona material, constrói, afina, toca, dança, ensina, repara e decide quando o som faz sentido.

## Som de forma

Na bancada, marque tampo, fundo, laterais, braço e cavalete. Cada parte participa de um sistema. Espessura muda massa e flexibilidade; curvatura redistribui esforço; união deficiente dissipa vibração e reduz estabilidade. Construção artesanal não significa ausência de precisão. Significa que medida, ferramenta e percepção trabalham juntas.

Antes de retirar material, registre espessura e massa quando houver instrumentos adequados. Depois, repita o toque. A comparação não substitui conhecimento de luteria, mas torna audível que todo corte modifica possibilidades. A madeira “escuta” em sentido material: recebe energia, vibra conforme sua estrutura e devolve parte do gesto como som.

## Som de ferramenta

Serrote, goiva, plaina, lixa e raspilha produzem ruídos que informam. Uma lâmina bem ajustada corta de modo diferente de uma ferramenta cega. A direção das fibras aparece no tato e no som antes de uma lasca indesejada. Proteção, afiação, fixação da peça e postura pertencem à qualidade acústica do trabalho porque evitam esforço e perda de controle.

A UNESCO observa que salvaguardar o artesanato deve favorecer a transmissão das habilidades e dos conhecimentos que permitem continuar produzindo [4]. Numa introdução de dois dias, ninguém precisa fingir domínio completo. O encontro pode ensinar vocabulário de observação: fibra, espessura, apoio, curvatura, tensão, resposta. Saber formular uma pergunta técnica já transforma a próxima escuta.

## Som de montagem

Monte provisoriamente quando o projeto permitir. Verifique alinhamento do braço, posição do cavalete, percurso das cordas e liberdade de vibração. Não force peças para corrigir desenho impreciso. Volte à marcação. Uma pequena assimetria pode pertencer à linguagem do instrumento; um desalinhamento que compromete tocabilidade pede ação.

Afinação não é o momento mágico em que a madeira vira música. É uma relação entre tensão, comprimento, massa das cordas, estrutura e prática de quem toca. A mesma rabeca pode participar de diferentes convenções. O cuidado está em registrar a referência usada no encontro e evitar apresentá-la como única.

## Som que permanece

Como os instrumentos não serão distribuídos, a oficina pode produzir uma ficha coletiva para cada rabeca: materiais, etapas, pessoas envolvidas, afinação de

---

referência, dificuldades, reparos futuros e um pequeno registro sonoro. Essa documentação reconhece trabalho sem transformar participação em assinatura de propriedade individual.

No fim, alguém passará o arco e ouvirá uma nota áspera, curta ou surpreendentemente aberta. Ela talvez ainda esteja longe do repertório que motivou a construção. Mesmo assim, reunirá dois dias de decisões. Antes da música, a madeira terá escutado ferramentas, conversas, hesitações e correções. A primeira nota não apagará esses sons; entrará depois deles.

---

## **A Rabeca brasileira: Introdução à construção e a história**

**QUANDO:** ago. 2026: 29, 10h; 30, 14h

**COM:** Tony Azevedo e luthier Daniel Carvalho.



---

# A pomba cabe no golpe

*Uma crônica antecipada sobre entalhe, símbolo e os duzentos anos da Festa do Divino.*

## Cena prevista para uma quinta-feira

A pomba ainda será apenas desenho quando a goiva tocar a madeira. Primeiro haverá uma linha central, o contorno do corpo, a abertura das asas e uma margem que ninguém deverá atravessar cedo demais. O curso “Entalhe do Divino”, em 3 e 10 de setembro, parte do símbolo do Divino Espírito Santo e da tradição cultural de Piracicaba, que celebra duzentos anos em 2026 [1]. Esta crônica é escrita antes do encontro. Ela não inventa participantes nem resultados; antecipa as decisões materiais que o símbolo exigirá.

---

A 200ª Festa do Divino integra a programação pública do município em 2026 [2]. Dois séculos produzem uma escala difícil de acomodar numa pequena placa. A madeira não receberá “a festa” inteira. Receberá uma pomba, forma reconhecível que circula em bandeiras, altares, procissões, barcos, lembranças familiares e objetos feitos por muitas mãos.

## O primeiro cavaco

O artesão Aldo Pernambuco demonstrará posições, cortes e segurança. Cada participante precisará aprender a prender a peça, orientar a lâmina e manter a mão fora do avanço da ferramenta. O primeiro cavaco será pequeno. Essa economia protege dedos, desenho e confiança. Uma goiva remove exatamente a matéria que o gesto alcança; intenção não recompõe fibra arrancada.

O golpe tem preparação, contato e saída. Se a ferramenta entra contra a fibra, a madeira pode levantar além da área prevista. Se o corpo acelera,

---

a linha some sob a lâmina. O entalhe ensina uma espécie de pontuação física: parar antes da borda, virar a peça, recomeçar de outro sentido.

## Símbolo em relevo

O contorno não basta. Para a pomba aparecer, o entorno desce ou o corpo ganha planos. Asa, cabeça e cauda precisam de diferenças legíveis sob luz variável. Uma sombra muito funda pode dramatizar; uma passagem suave pode fazer o símbolo quase desaparecer quando visto de frente. A oficina trabalha entre reconhecimento e superfície.

O IPHAN define patrimônio imaterial a partir de práticas e domínios da vida social, incluindo saberes, celebrações, formas de expressão e lugares [3]. Essa perspectiva impede reduzir a Festa do Divino a um desenho decorativo. A pomba entalhada participa de um campo maior de devoção, sociabilidade, trabalho,

---

conflito, continuidade e mudança. Quem faz pela primeira vez entra como aprendiz diante de uma tradição que já possui agentes, memórias e responsabilidades.

## A pergunta sobre autoria

No verso da placa, caberão nome, data e oficina. Na frente, aparecerá um símbolo compartilhado. Assinar não significa reivindicar a invenção da pomba nem falar em nome da festa. Registra quem executou aquela peça, em qual contexto e sob qual orientação. A procedência protege tanto o trabalho individual quanto a história coletiva.

Conhecimentos artesanais continuam quando habilidades são transmitidas, praticadas e recriadas [4]. A aula introdutória pode mostrar o suficiente para abrir interesse sem transformar duas noites em certificado de tradição dominada. Reconhecer o limite do encontro é uma forma de respeito ao ofício.

## Cavacos no chão

Ao longo da bancada, os cavacos formarão um negativo da imagem. Partes curvas, lascas longas, pó fino. Convém observar o monte antes de varrer. Ele revela onde houve retirada intensa, qual ferramenta produziu cada marca e quanto material foi convertido em tentativa.

Talvez uma asa fique mais alta. Talvez o bico perca a ponta e peça redesenho. A correção não precisa esconder todo acidente. Pode ajustar a simetria, aprofundar um fundo ou transformar uma falha em plano. O símbolo permanece reconhecível porque possui uma estrutura robusta; cada peça será diferente porque mão e madeira não repetem a estrutura do mesmo modo.

## Depois do segundo encontro

O acabamento mudará a leitura. Óleo, cera ou outro produto compatível aprofundará cor e contraste, seguindo orientação técnica e tempo de cura. Antes de aplicar, a

---

pessoa deverá retirar pó, testar numa sobra e decidir se marcas da ferramenta permanecerão visíveis. Polir até eliminar todo golpe apagaria parte da linguagem do entalhe.

Em setembro, a festa bicentenária já terá atravessado o calendário, e a oficina produzirá outra duração. A pomba caberá no golpe porque cada retirada encontrará um limite. Não caberão duzentos anos na placa. Restará um objeto pequeno, datado, feito por alguém que passou duas noites aprendendo onde a lâmina deve parar.

---

## Entalhe do Divino: Saberes e Tradições de Piracicaba

**QUANDO:** 3 e 10 set. 2026, 19h

**COM:** o artesão Aldo Pernambuco



# Ler em círculo muda o centro

*Quando a mediação distribui a palavra, o livro deixa de ter uma única entrada.*

## **Primeira anotação: a forma da sala**

Um círculo de leitura começa antes da primeira frase. Cadeiras voltadas apenas para a pessoa mediadora produzem uma aula; cadeiras voltadas umas para as outras distribuem atenção. O circuito baseado em “Mulheres que Correm com os Lobos”, de Clarissa Pinkola Estés, acontecerá às quintas-feiras de agosto no Espaço de Tecnologias e Artes, com a psicóloga Luiza Domingues e a psicanalista Leticia Sarto [1]. A proposta convida mulheres a explorar contos e arquétipos como caminhos de autoconhecimento. O espaço, portanto, precisará sustentar leitura, interpretação e cuidado.

Coloque no centro apenas o necessário: livro, água e uma indicação visível do tempo. Um centro muito carregado vira altar involuntário; um centro vazio pode lembrar que a autoridade circulará pela borda. Essa escolha não é neutra, mas pode ser explicada e revista pelo grupo.

## **Segunda anotação: o direito de chegar por outra porta**

Nem todas terão lido o mesmo trecho, possuirão o livro ou reconhecerão os conceitos da mesma forma. Começar por uma passagem breve lida em voz alta cria uma base comum. Disponibilizar o texto em tamanho legível e oferecer pausa antes da conversa reduz a vantagem de quem responde mais rápido.

Mediação de clubes de leitura envolve preparação, escolha de estratégias e criação de condições para a participação [2]. Uma pergunta aberta precisa ser específica o bastante para produzir conversa. “O que acharam?” pode entregar o encontro a duas vozes acostumadas a falar. “Que imagem do trecho permaneceu e por quê?” oferece uma entrada observável, inclusive para quem prefere anotar antes.

## **Terceira anotação: livro e experiência**

Um conto pode convocar lembranças íntimas. Ninguém deve ser pressionada a narrá-las para provar envolvimento. Combine desde o início que comentar o texto, passar a vez e permanecer em silêncio são formas legítimas de presença. O círculo não é atendimento clínico coletivo improvisado, embora a mediação de profissionais possa sustentar limites e encaminhamentos adequados quando necessário.

Quando uma participante relacionar a leitura à própria vida, o grupo poderá acolher sem transformar o relato em caso a ser interpretado. Perguntas sobre detalhes pessoais exigem consentimento. Conselhos não solicitados costumam ocupar o espaço que a fala acabou de abrir.

## **Quarta anotação: arquétipo não é molde**

Arquétipos oferecem lentes interpretativas, não diagnósticos de identidade. É possível reconhecer potência numa figura simbólica e também questionar como o texto

trata gênero, cultura, natureza ou universalidade. Uma leitura coletiva ganha densidade quando admiração e crítica podem permanecer na mesma mesa.

O patrimônio imaterial é transmitido e recriado por comunidades e grupos em relação às próprias histórias [3]. Contos também viajam, mudam de língua, edição, voz e contexto. Perguntar de onde vem uma narrativa, quem a registrou e como chegou ao livro evita tratar “tradição” como matéria sem autoria.

### **Quinta anotação: distribuir a palavra**

Experimente uma primeira rodada curta, sem obrigação de sequência rígida depois. A rodada impede que o silêncio inicial seja preenchido sempre pelas mesmas pessoas; seu limite de tempo evita mini-palestras. Na conversa aberta, a mediação pode observar quem ainda não falou e oferecer convite, nunca cobrança.

Um objeto de palavra pode ajudar alguns grupos e infantilizar outros. Teste e pergunte. Ferramentas de facilitação

funcionam enquanto tornam as relações mais legíveis. Quando viram ritual automático, escondem desigualdades sob uma coreografia organizada.

### **Sexta anotação: registrar sem capturar**

Defina o que poderá ser anotado. Uma cartografia de imagens, palavras e perguntas do livro pode permanecer coletiva sem atribuir falas individuais. Fotografias, gravações e relatos externos exigem acordo explícito. A segurança da conversa depende de saber o que sairá da sala.

Ao final, cada pessoa pode escrever uma frase que deseja levar e outra que prefere deixar ali. A segunda não será lida. O gesto reconhece que nem toda produção precisa virar conteúdo. Guardar silêncio também compõe a memória de um encontro.

### **Sétima anotação: o centro se move**

Em quatro quintas-feiras, o círculo poderá mudar. Uma cadeira ficará vazia; alguém chegará com outra edição do livro; uma passagem provocará discordância; a mediadora

precisará abandonar a pergunta preparada. A forma geométrica não garante horizontalidade. Ela apenas torna visível que todas ocupam borda e centro em momentos diferentes.

O livro continuará sendo referência, mas não precisará carregar sozinho a autoridade da conversa. Mediação, experiência, crítica, escuta e recusa formarão outras entradas. Ler em círculo muda o centro porque impede que ele permaneça propriedade de uma única voz. Na semana seguinte, será preciso distribuí-lo de novo.

---

## **Círculo de Leitura - Mulheres que Correm com os Lobos**

**QUANDO:** 6, 13, 20 e 27 ago. 2026, 19h

**COM:** a psicóloga Luiza Domingues e a Psicanalista Letícia Sarto



# Afeto também deixa matéria

*Música, escrita e fazer manual como recursos de expressão — sem prometer cura pela forma.*

## Inventário de chegada

Uma folha recebe pressão diferente quando a pessoa está apressada, cansada ou curiosa. Um fio pode ser amarrado, enrolado, rompido ou deixado de lado. Entre 15 de agosto e 5 de setembro, “Entre Afetos e Criações” propõe quatro vivências com música, escrita, artes manuais e partilha, voltadas a autoconhecimento, letramento emocional e recursos de manejo para afetos como medo, ansiedade, raiva, alegria e tristeza [1].

Este ensaio de cuidado começa por um limite: material expressivo não é exame que revela automaticamente o interior de alguém. Cor escura não diagnostica tristeza; traço

forte não prova raiva; silêncio não significa resistência. A criação oferece uma forma de experimentar e comunicar, e seu sentido depende de quem a fez.

## Mesa de escolhas

Disponha poucos materiais variados, com usos simples e riscos conhecidos. Papel de diferentes espessuras, lápis, giz, fios, tecidos, cola e recipientes podem formar um repertório suficiente. Materiais perfumados, sons intensos ou certas texturas pedem alternativas para pessoas com sensibilidades específicas. A possibilidade de observar antes de participar reduz o atrito de chegada.

Cada proposta deve incluir uma saída: trocar material, diminuir duração, trabalhar individualmente, não compartilhar. Escolha real aumenta segurança. Se todos precisam obedecer ao mesmo gesto para que a atividade “funcione”, a experiência já perdeu parte de sua capacidade de cuidado.

## **Música sem legenda obrigatória**

Uma faixa curta pode abrir atenção para ritmo, volume e memória. Antes de tocar, informe duração e intensidade aproximada. Depois, permita um intervalo sem pergunta. A vontade de traduzir imediatamente som em sentimento pode estreitar a experiência. Algumas pessoas perceberão respiração; outras, instrumento, incômodo, associação ou nada especial.

O relatório da Organização Mundial da Saúde sobre artes e bem-estar reúne evidências de muitos contextos e também chama atenção para mecanismos e condições das intervenções [3]. A conclusão útil para uma oficina não é que “arte cura” por si. É que práticas artísticas podem participar de promoção, prevenção e cuidado quando desenho, mediação e contexto são tratados com responsabilidade.

## **Escrita que pode permanecer fechada**

Convide a escrever por cinco minutos a partir de uma frase concreta: “hoje meu corpo pede...”, “uma coisa que ocupa espaço...” ou “se este afeto tivesse

temperatura...”. Informe antes que ninguém precisará ler. Essa garantia muda o texto produzido. A escrita deixa de preparar uma apresentação e pode funcionar como observação privada.

Quem quiser compartilhar escolhe um trecho, uma palavra ou apenas o processo. O grupo escuta sem interpretar. Perguntas devem voltar à autora: “você quer comentário, pergunta ou só companhia?”. A resposta define a próxima ação.

## **Forma manual, tempo corporal**

Trançar, rasgar, colar e modelar criam ritmos diferentes. Uma ação repetitiva pode organizar atenção para alguém e aumentar ansiedade para outra pessoa. Ofereça duração curta e possibilidade de pausa. Nomear a mudança — “vou parar”, “vou trocar”, “vou desfazer” — também é letramento emocional em prática.

O Ministério da Saúde inclui a arteterapia entre as Práticas Integrativas e Complementares, descrevendo o uso de recursos artísticos em processos de cuidado [2]. Essa inserção pública não

autoriza qualquer oficina a prometer tratamento, nem substitui acompanhamento clínico quando necessário. Ela reforça a importância de profissionais qualificados, objetivos claros e articulação com redes de cuidado.

## **Partilha com bordas**

Organize os trabalhos de modo que cada pessoa controle o que ficará visível. Uma peça pode permanecer coberta. Outra pode ser vista sem comentário. Outra pode circular para toque. Etiquetas com três opções — “pode olhar”, “pode perguntar”, “prefiro guardar” — transformam consentimento em instrução simples.

Se surgir sofrimento intenso, a prioridade muda da atividade para a pessoa. A facilitadora precisa conhecer recursos institucionais e possibilidades de encaminhamento. O grupo não deve assumir responsabilidade para a qual não foi preparado. Cuidado inclui reconhecer alcance e limite.

## **Vestígios de saída**

No fim, haverá restos de papel, fios cortados, manchas, frases levadas no bolso e trabalhos que talvez sejam descartados. Fotografia coletiva não é condição

de encerramento. Cada pessoa decide o destino de sua produção; o espaço informa com clareza se algo será guardado e por quanto tempo.

Afeto também deixa matéria, embora a matéria não ofereça tradução direta. Uma dobra registra pressão; uma colagem conserva uma escolha; um papel amassado mostra que algo aconteceu entre mão e superfície. O sentido continua pertencendo a quem fez. A oficina pode oferecer tempo, ferramentas e companhia para observá-lo sem exigir que vire explicação.

---

## Entre Afetos e Criações

**QUANDO:** 15, 22 e 29 ago. 2026, 14h · 5 set. 2026, 14h

**COM:** Cláudia Picirilli, psicóloga clínica e professora universitária



---

# Acompanhamento não é vigilância

*Um guia crítico para construir presença, limites e acordos na vida digital de adolescentes.*

## Um acordo começa fora da tela

“Posso ver seu celular?” parece uma pergunta simples até reunir confiança, segurança, privacidade e poder na mesma frase. A atividade “Como acompanhar adolescentes no mundo digital”, em 25 de agosto e 1º de setembro, convidará familiares e responsáveis a refletir sobre riscos, oportunidades, hábitos, controle parental e acordos possíveis [1]. Este guia crítico propõe uma base para a conversa: acompanhamento é presença que aumenta autonomia e proteção; vigilância é coleta de informação sem relação suficiente para interpretá-la.

Nenhuma ferramenta resolve sozinha o conflito. Bloqueios podem reduzir exposição e também deslocar práticas para contas ocultas. Acesso irrestrito a mensagens pode revelar um

risco e destruir a confiança necessária para que o adolescente peça ajuda depois. A decisão precisa considerar idade, maturidade, situação concreta e gravidade.

## **1. Faça um mapa comum**

Liste com o adolescente quais dispositivos, jogos, redes, mensageiros e contas fazem parte da rotina. Pergunte para que servem, com quem são usados, o que diverte, o que cansa e quais situações já causaram desconforto. O objetivo inicial é compreender o ambiente antes de configurar controles.

Pesquisas como a TIC Kids Online Brasil acompanham acesso, usos, habilidades, oportunidades e riscos digitais no país [3]. Dados nacionais ajudam a superar a ideia de que cada família enfrenta uma exceção privada. Ainda assim, média estatística não descreve uma pessoa. Use os números para formular perguntas, não para acusar.

## **2. Separe risco, dano e incômodo**

Contato com desconhecido, chantagem, exposição íntima, fraude, incentivo a automutilação e perseguição exigem respostas diferentes de uso prolongado, linguagem desagradável ou discussão sobre horário. Nomear a situação evita que toda divergência receba a mesma punição.

Quando houver risco imediato, a proteção pode justificar intervenção mais direta, preservação de evidências e busca por ajuda especializada. Explique o que será feito sempre que isso não ampliar o perigo. Medidas secretas devem ser excepcionais, proporcionais e revistas assim que possível.

## **3. Escreva acordos observáveis**

“Usar com responsabilidade” é uma frase bonita e impossível de verificar. Prefira acordos como: dispositivos carregam fora do quarto em dias de aula; compras pedem confirmação; localização fica desligada por padrão; nenhuma pessoa da família publica foto de outra sem perguntar; se uma conversa causar medo, haverá ajuda antes de castigo.

O guia do UNICEF para famílias enfatiza diálogo, orientação e proteção na vida digital [2]. Acordos funcionam melhor quando adultos também assumem obrigações. Quem pede celular fora da mesa precisa guardar o próprio. Coerência não elimina assimetria de responsabilidade, mas reduz a sensação de regra arbitrária.

## **4. Configure junto**

Revise privacidade, autenticação em dois fatores, recuperação de conta, permissões de câmera e localização, compras, filtros e tempo de uso. Peça que o adolescente execute parte das configurações e explique o que entendeu. A competência adquirida permanece quando o aplicativo muda.

Orientações recentes da ANPD sobre aferição de idade mostram que proteção de crianças e adolescentes no ambiente digital também é responsabilidade de plataformas e agentes de tratamento [4]. Famílias não podem carregar sozinhas um problema projetado em escala industrial. Cobrar desenho adequado, informação clara e canais de denúncia faz parte do acompanhamento.

## 5. Explique o que cada controle vê

Controle parental pode registrar tempo, localização, instalações, buscas ou conteúdo. Antes de ativar, identifique dado coletado, quem acessa, prazo de retenção e condição de desligamento. Um painel invisível para o adolescente cria uma relação de observação unilateral. Transparência não torna toda coleta aceitável, mas permite discutir proporcionalidade.

O guia brasileiro sobre dispositivos digitais reúne recomendações por faixa etária e situação, oferecendo apoio para decisões contextualizadas [5]. Use essas referências como parâmetros revisáveis. Rotinas escolares, necessidades de acessibilidade, vínculos e modos de lazer mudam a aplicação prática.

## 6. Planeje o erro

Todo acordo será quebrado em algum momento. Defina antes o que acontece: conversa, pausa, revisão de configuração, reparação a alguém afetado. Retirar todos os dispositivos por tempo indefinido pode encerrar o diálogo e também cortar estudo, amizade e pedido de ajuda.

Pergunte primeiro: o que aconteceu, quem foi afetado, o que ainda está em curso, que apoio é necessário? Depois decida consequência. Essa ordem diferencia investigação de sentença.

## **7. Preserve zonas de privacidade**

Adolescentes precisam de espaço para amizade, elaboração e diferença. Privacidade não equivale a abandono. Responsáveis podem manter canais de presença, conhecer contextos e observar mudanças relevantes sem ler cada conversa. Se uma condição de saúde ou segurança exigir supervisão maior, torne o motivo e a revisão explícitos.

Revise o acordo em data marcada. A autonomia deve crescer conforme habilidades e confiança se consolidam. Controles que nunca diminuem deixam de ser andaime e viram arquitetura permanente de suspeita.

## **8. Mantenha uma porta aberta**

Combine uma frase para pedir ajuda sem explicar tudo de imediato: “aconteceu uma coisa online e preciso que você fique calmo”. O adulto se compromete a ouvir antes

de retirar o aparelho ou culpar. Essa porta vale mais do que conhecer todas as senhas, porque pode ser usada diante de situações que nenhum filtro antecipou.

Acompanhamento exige trabalho: aprender plataformas, suportar discordância, admitir erro adulto e atualizar acordos. Vigilância parece mais rápida porque entrega um painel. O painel mostra atividade, raramente mostra contexto. A presença começa onde a métrica termina, diante de uma pessoa que ainda precisa poder contar o que a tela não registrou.

---

## Como acompanhar adolescentes no mundo digital

**QUANDO:** 25 ago. 2026, 19h30 · 1 set. 2026, 19h30

**COM:** Andressa Caprecci, educadora e pedagoga.

# Atlas de leituras

---

## Uma laçada segura a próxima

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Tramas e Texturas: introdução ao crochê. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.
2. THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. Crochet sample. Alemanha, século XIX.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

3. UNESCO. Traditional craftsmanship. Paris: UNESCO, consulta em 2026.
- 

## A grade aceita desvios

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Tramas e Texturas: introdução à Talagarça. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

2. UNESCO. Traditional craftsmanship. Paris: UNESCO, consulta em 2026.
3. UNESCO. What is Intangible Cultural Heritage? Paris: UNESCO, consulta em 2026.

# Atlas de leituras

---

## O brinquedo começa no excesso

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Tramas e Texturas: confecção de brinquedos com pompons. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

2. BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Educação para resíduos sólidos.
  3. UNESCO. Traditional craftsmanship. Paris: UNESCO, consulta em 2026.
- 

## O avesso ensina primeiro

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Corte e Costura: do básico ao acabamento. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

2. UNESCO. Traditional craftsmanship. Paris: UNESCO, consulta em 2026.
3. UNESCO. What is Intangible Cultural Heritage? Paris: UNESCO, consulta em 2026.

# Atlas de leituras

---

## Uma peça, muitas decisões

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Costurando macacão de alfaiataria. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

2. UNESCO. Traditional craftsmanship. Paris: UNESCO, consulta em 2026.
  3. UNESCO. What is Intangible Cultural Heritage? Paris: UNESCO, consulta em 2026.
- 

## Sentar sobre o que voltou

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Banquinho de pesca. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

2. BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Educação para resíduos sólidos.
3. UNESCO. Traditional craftsmanship. Paris: UNESCO, consulta em 2026.

# Atlas de leituras

---

## Antes da música, a madeira escuta

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. A Rabeca brasileira: introdução à construção e à história. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

2. IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho — volume 3.
3. IPHAN. Patrimônio imaterial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
4. UNESCO. Traditional craftsmanship. Paris: UNESCO, consulta em 2026.

# Atlas de leituras

---

## A pomba cabe no golpe

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Entalhe do Divino: saberes e tradições de Piracicaba. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.
2. PREFEITURA DE PIRACICABA. 200ª Festa do Divino Espírito Santo, 2026.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

3. IPHAN. Patrimônio imaterial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
  4. UNESCO. Traditional craftsmanship. Paris: UNESCO, consulta em 2026.
- 

## Ler em círculo muda o centro

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Círculo de Leitura — Mulheres que Correm com os Lobos. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.
2. SISEB. Mediação de clubes de leitura. Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

3. UNESCO. What is Intangible Cultural Heritage? Paris: UNESCO, consulta em 2026.

# Atlas de leituras

---

## Afeto também deixa matéria

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Entre Afetos e Criações. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

2. BRASIL. Ministério da Saúde. Arteterapia nas Práticas Integrativas e Complementares.

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

3. WORLD HEALTH ORGANIZATION. What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? Copenhagen: WHO Europe, 2019.

# Atlas de leituras

---

## Acompanhamento não é vigilância

### INTERLOCUTORES TEÓRICOS

1. SESC SÃO PAULO. Como acompanhar adolescentes no mundo digital. Programação do Sesc Piracicaba, 2026.
2. UNICEF. Guia para acompanhar a vida digital de crianças e adolescentes em família.
3. CETIC.br. TIC Kids Online Brasil 2025 — resumo executivo.
4. ANPD. Orientações preliminares para aferição de idade no ambiente digital, 2026.

### FONTES FACTUAIS E INSTITUCIONAIS

5. BRASIL. Guia sobre usos de dispositivos digitais por crianças e adolescentes, 2026.

# Depois da passagem

Depois do último guia, ficam onze começos. Nenhuma peça foi declarada pronta antes da oficina; nenhum encontro foi transformado em lembrança antes de acontecer.

A amostra, o molde, o cavaco e o acordo familiar têm algo em comum: todos permitem revisão. O gesto responsável deixa uma condição para voltar.

A edição termina antes de setembro terminar. Algumas atividades ainda estarão em curso. A página aceita esse descompasso e entrega ao calendário o que pertence ao calendário.

Quando a ampulheta for virada outra vez, o critério permanecerá simples e trabalhoso: começar de novo, sem chamar repetição de novidade.

# Estatuto editorial

---

- 01** Os ensaios são elaborações autorais a partir de atividades públicas; não substituem a programação nem falam em nome de participantes.
- 
- 02** Fatos remetem a fonte, registro ou medição. Interpretações assumem a voz autoral. Especulações usam condição. Ficções são declaradas pelo gênero e pelo contexto.
- 
- 03** Imagens geradas são conceituais, dirigidas e editadas por Maurício Pinheiro; não documentam oficinas, pessoas, comunidades, territórios ou artefatos específicos.
- 
- 04** Conhecimentos culturalmente situados exigem autoria, consentimento, contexto e possibilidade de revisão. Ausência de autorização interrompe a publicação.
- 
- 05** Correções, procedência, versões e referências completas permanecem no endereço público da edição.
- 



**EDIÇÃO DIGITAL, PROCEDÊNCIA E  
CORREÇÕES**

[https://mauricio-  
pinheiro.web.app/ampulheta.html](https://mauricio-pinheiro.web.app/ampulheta.html)

COLOFÃO

# Créditos essenciais

---

## CONCEPÇÃO, CURADORIA, TEXTO, EDIÇÃO E DIREÇÃO DE ARTE

Maurício Pinheiro, Educador de Tecnologias e Artes do Sesc Piracicaba

---

## PUBLICAÇÃO

Projeto autoral desenvolvido a partir do programa do ETA do Sesc Piracicaba, com auxílio declarado de ferramentas de inteligência artificial.

---

Formato de corte: 125 × 190 mm · sangria: 3 mm · 96 páginas · N. 02 · AGO. 2026.



# ampulheta

CADERNETA ENSAÍSTICA EXPERIMENTAL

*O tempo não ilustra a  
matéria.  
Passa por ela.*

ETA · SESC PIRACICABA · N. 02 · AGO. 2026

